


OTTO GROSS, MAX WEBER E A ERÓTICA LIVRE: SALVAÇÃO INTRAMUNDANA OU REVOLUÇÃO SEXUAL?

OTTO GROSS, MAX WEBER AND THE FREE EROTIC: INTRAMUNDANE SALVATION OR
SEXUAL REVOLUTION?

Caio César **PEDRON**

Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia, Campinas, Brasil

caiopedron99@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0774-0138>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O objetivo central deste trabalho está posto na reconstrução do “debate indireto” entre Max Weber e Otto Gross, atentando para o contexto de emergência dos movimentos eróticos como, também, para a resposta teórica que cada um dos autores ofereceu aos problemas da liberdade sexual. Intenta-se, neste trabalho, defender a tese de que ambos os autores pretendiam combater o autoritarismo prussiano que se expressava em todas as esferas da vida, pois tanto os textos de Gross quanto a “esfera erótica” de Weber procuraram criticar e propor soluções para os problemas da sexualidade burguesa, só que essas respostas caminhavam por vias opostas.

PALAVRAS-CHAVE: Max Weber, Otto Gross, erótica livre, sexualidade.

ABSTRACT

The central objective of this work it's set in the reconstruction of the “indirect debate” between Weber and Gross, paying attention for the emergency erotic movement as also for the teoretical reponse that each author offered to the problems of sexual freedom. It matters, in this work, defend the thesis of both authors intended to combat Prussian authoritarianism as expressed in all fields of life, because both Gross's and Weber's texts sought to criticize and purposed solutions for the problems of burgeoisie sexuality, but their responses went in opposite ways.

KEYWORDS: Max Weber, Otto Gross, free erotics, sexuality.

1 INTRODUÇÃO

O movimento erótico surgiu na Alemanha no início do século XX e acompanhava um verdadeiro turbilhão de diferentes movimentos contraculturais¹ que pretendiam responder – com alto grau de romantismo – ao malfadado autoritarismo típico da forma de organização social prussiana. A *Lebensreform* era composta por uma miríade de movimento revolucionários e questionadores da ordem social vigente e todos queriam comungar de uma experiência de sociabilidade anti-capitalista: desde os tolstoianos até os anarquistas revolucionários passando por teosofistas e vegetarianos. Todos esses diferentes movimentos lutavam contra a imposição da ordem capitalista moderna e sua maquinaria de reprodução social; queriam o retorno – ou advento – a uma época na qual as relações e expressões mais humanas poderiam ser livres, livres das frias mãos esqueléticas da razão instrumental expressa na sociedade e na sociabilidade do *kaiserreich*.

A comunidade de Monte Verità – sitiada no cantão suíço da Ascona, aos pés do magnífico lago Maggiore – logo tornou-se um dos espaços de convivência destes diferentes agrupamentos sociais que, também, participavam da sociabilidade burguesa dos cafés da boêmia de Berlim e Munique. Inicialmente a sua proposta era a de ser uma espécie de sanatório naturalista, no qual Henri Oedenkoven e Ida Hoffman promoveriam a recuperação dos filhos inválidos da burguesia fabril e dos burocratas do Estado sob uma nova forma de organização societária (GREEN, 1986). O balneário logo atraiu o interesse de românticos e revolucionários, entrou para o circuito de espaços destinados aos insurgentes e contou com visitas de Eric Mühsam, Herman Hesse, Stefan George, Paul Klee, Carl Gustav Jung, Rudolf Steiner, Ernest Toller, dentre outros.

Neste espaço se deu a tentativa mais ávida de constituição de um movimento defensor de uma erótica livre e revolucionária, porque pretendia destruir as bases da sociedade capitalista naquilo que lhe havia de mais elementar: a família, esta que perverteria as capacidades *próprias* dos indivíduos tornando-os neuróticos defensores de um padrão moral *estrangeiro* as suas vontades e sensibilidades. Nesse sentido, a luta proposta por Otto Gross (1877-1920) era, primeiro, contra o patriarcado e a organização

¹ Uso, aqui, o desgastado termo contracultura, porque, acompanhando Martin B. Green, acredito que o seu uso seja pertinente para descrever os primeiros movimentos contraculturais modernos. Não pretendo adentrar em qualquer discussão sobre o significado do termo, Ver: GREEN, Martin Burgess. **Mountain of truth: the counterculture begins**, Ascona, 1900-1920. Hanover, N.H.: Tufts University: University Press of New England, 1986.

sexual da dominação; pretendia substituí-lo por uma associação matriarcal, essa sim própria a natureza humana.

A mensagem revolucionária da sexualidade livre alcançou, por volta de 1907, a juventude de Heidelberg e, com ela, todo o professorado que cultivava com os jovens estudantes algum tipo de relação. Esse momento foi registrado por Marianne Weber do seguinte modo:

Por volta desta época, o núcleo professoral da vida intelectual de Heidelberg recebeu uma grande variedade de estímulos novos, de jovens sem cargo oficial e em todos os estágios de formação, que desejavam entrar no círculo interno acadêmico em algum momento no futuro, ou viver num ambiente intrinsecamente intelectual. As correntes modernas fluíam do exterior para as praias hospitaleiras da pequena cidade. Jovens estabeleciam um novo estilo de vida, além do convencional, junto às estruturas firmemente estabelecidas da geração mais velha. Novos tipos de pessoas, relacionadas aos românticos e seus impulsos intelectuais, mais uma vez, questionavam a validade das normas de ação universalmente obrigatórias, e ou, buscavam uma “lei individual”, ou negavam qualquer “lei”, para deixar apenas o *sentimento* influenciar o fluxo da vida (WEBER, 2003, p.426.)

O *freudismo*², do qual Otto Gross era um representante, serviu como uma luva aos anseios por uma liberdade maior dos relacionamentos amorosos, pois permitia aos jovens criticar as antigas doutrinas morais de relação entre os sexos, questionando instituições (como a do matrimônio) e mesmo personificações, como o ideal da *Hausfrau*³. A forma de organização social prussiana constituía uma estrutura de personalidade⁴ bastante limitada no seu horizonte de possibilidade de comportamento, o autoritarismo do patriarca alemão também era fruto de sua educação extremamente elitista e violenta. A “nova ética” é, no campo da sexualidade, a representante oficial deste mal estar coletivo que a nova geração de burgueses letrados sentia em relação a sua aliança para com a **aristocracia**

² Stuart Hughes apresenta o freudismo como uma das inovações no campo das produções sociais que procuravam dar vazão ao conhecimento do irracional e do inconsciente. Ver: HUGHES, H. Stuart. **Consciousness and society: the reorientation of European social thought 1890-1930**. Brighton: Harvester Sussex, c1979.

³ *Hausfrau* é o ideal da dona de casa prussiana que deveria: ser um balneário reconfortante a vida fragmentada do homem moderno, cuidar dos filhos e produzir o bem estar do lar, sem deixar de lado, sua cultivação para os hábitos da sociedade. Ver: WEBER, Marianne. Excerpt from “Authority and Autonomy in Marriage. In: Lengermann, Patricia Madoo; Niebrugge, Gillian. **The Women Founders: Sociology and Social Theory 1830–1930**. New York: Waveland Press.1998. Edição do Kindle.

⁴ Na construção deste caráter prussiano me utilizo da interpretação de Norbert Elias da estrutura de personalidade como modelo que conecta a interpretação psicológica da subjetividade individual ao contexto institucional no qual essa subjetividade se situa. Ver: ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1997.

junker⁵, esse pacto entre burguesia e aristocracia que havia sustentado o processo de unificação nacional e o desenvolvimento econômico sem precedentes ruía diante da degenerescência da elite aristocrática no poder (WEBER, 2015a). O que era uma crise econômica, institucional e política também era uma crise moral e de valores, os jovens burgueses – e, também, os aristocratas – não queriam mais justificar-se tendo por referência o velho e atrasado padrão de valores instituído na sociedade wilhemiana, esse autoritarismo patriarcal se fazia sentir com maior intensidade na vida amorosa:

Pois era nessa área que a “lei” e o “dever” exigiam os sacrifícios mais visíveis. Qual era o valor de normas que com tanta frequência sufocava a magnificência da vida vibrante, reprimia os impulsos espontâneos, e acima de tudo negava a realização de tantas mulheres? Lei, dever, ascetismo - não derivavam todas essas ideias da demonização do sexo por um cristianismo exagerado? Modelar o futuro da pessoa inteiramente baseado em sua própria natureza, deixar as correntes da vida fluírem nela e depois aguentar as consequências, era melhor que esgueirar-se furtivamente pelos estéreis caminhos de cautela encurralados pela moralidade (WEBER 2003, p.427).

Esse é o contexto geral a partir do qual podemos depreender o debate que se estabeleceu entre Max Weber e Otto Gross. A tese que aqui advogamos é a de que ambos pretendem responder ao que chamaremos aqui de *caráter junker*, ao autoritarismo patriarcal típico da aristocracia e da – geração liberal⁶ – burguesia prussiana; contudo, responderam de maneiras opostas. Enquanto Gross pretende superar a ordem patriarcal por um modelo de sexualidade libertadora, Weber pretende ressignificar o matrimônio ou tolerar àqueles que incorriam em *pequena culpa*. O que ambos percebem é a importância de se discutir a sexualidade que já não podia mais ser agrilhoada pela repressão do comportamento sexual tipicamente wilhemiano.

O trabalho, nas páginas que seguem, pretende ser uma contribuição a exploração da emergência genealógica da problemática da sexualidade burguesa no século XX,

⁵ Eram chamados de **junkers** os nobres estancieiros prussianos que detinham o poder do parlamento e a família real. Eram produtores de grãos e modernizaram a Alemanha mantendo as tarifas alfandegárias que permitiam o monopólio do mercado alemão.

⁶ Uma sociologia das gerações nos moldes daquela proposta por Mannheim poderia explicar as diferenças entre as três gerações de burguesia que se digladiavam nessa época: 1) a geração liberal que fundara o partido nacional liberal e se alinhara no pós-unificação com Bismarck e, de certa maneira, com a *atitude* prussiana em referência a criação dos filhos e no domínio do amor; 2) a geração de *intermezzo* da qual fazia parte Max Weber e que pretendia compreender os novos fluxos, e até experimentá-los, sem abrir mão dos antigos valores; 3) a nova geração, esta que acabaria tolhida pela primeira guerra mundial, mas que queria vivenciar uma erótica livre, romantizando as relações amorosas e gozando de sua “salvação” em plenitude. MANNHEIM, Karl. "O problema sociológico das gerações" [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo, Ática, 1982, pp. 67-95.

através da história de um conflito velado: *do choque entre a “nova ética” de Otto Gross e a visão liberal burguesa da erótica de Max Weber*. Para tanto, pretendo, no primeiro capítulo, apresentar o pensamento de Otto Gross, estabelecendo-o em sua relação para com um projeto de libertação social; enquanto que, no segundo capítulo, pretendo apresentar a esfera erótica de Max Weber, que problematiza alguns temas do movimento erótico como a ideia de *acosmismo do amor fraterno* e o próprio caráter *redentor* da sexualidade. A contenda entre os dois autores é mais artificial que substantiva, pois a única vez que o atrito se tornou aparente foi em uma carta na qual Weber refuta a publicação de um texto que Gross enviou para a *Archiv*⁷, contudo, a carta foi enviada a Else Richtoffen, em época amante do médico. Isso não nos impede de dizer que as vidas de Weber e Gross se cruzaram em diferentes momentos e que o debate indireto acabaria por se concretizar em suas obras.

2 OTTO GROSS E A ERÓTICA LIVRE COMO LIBERTAÇÃO

Hoje imaginamos um cenário idílico no qual surgiram os movimentos eróticos, estéticos e políticos do início do século XX como um contexto de agradáveis relações entre grupos da burguesia cosmopolita e seus novos *estilos de vida*. A bem da verdade, havia resistência a qualquer tipo de movimento que procurasse perverter a sagrada ordem familiar e patriarcal alemã e, por isso, novas “modas” teóricas eram rechaçadas com maior intensidade ao invés de serem valorizadas em suas descobertas e celebradas por suas novas proposições. Um famoso cronista da época imperial nos apresentaria de maneira bastante salutar a sua visão – e a de muitos – sobre a psicanálise: “Uma certa psicanálise é a ocupação de racionalistas lúbricos que atribuem tudo no mundo a causas sexuais, exceto a sua ocupação” (KRAUS, 2010, p.122).

A difusão rápida do *freudismo* entre os movimentos sociais e a juventude letrada causou uma grande resistência em aceitar a clínica psicanalítica entre seus pares e, por isso, a legitimação científica e médica do método psicanalítico foi o principal campo de batalha no qual Sigmund Freud se embrenhou. Fica mais contextualizada, agora, a principal crítica de Freud ao projeto de transformação revolucionária de Otto Gross, no afamado primeiro congresso internacional de psicanálise que foi realizado em Salzburg em 1908, disse em interferência a uma comunicação do Dr.Gross: “Somos médicos e

⁷ *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (Arquivo de Ciências Sociais e Ciências Políticas) a revista comprada por Edgard Jaffé cuja editoria o dono compartilhou com Weber e Sombart.

queremos permanecer médicos” (FREUD apud GROSS, p.89). O que o incomodava não era tanto a visão pioneira e a criatividade do jovem professor, mas que ela toda era voltada para um projeto que tendia a ser político, de transformação radical da ordem. A revelia de Freud, a principal crítica de Gross à psicanálise tradicional seria, nos anos seguintes, referente aos limites impostos pelo próprio Freud,

Ao reconhecimento da psicanálise clássica foi traçado o seu limite justamente diante das descobertas através das quais toda autoridade tradicional é posta em causa e é abalado o alicerce existencial daqueles que se sentem assentados e seguros na autoridade da ordem estabelecida. Então o seu grande trabalho de desbravamento termina com o desvelamento de uma camada – que recobre, no inconsciente, os elementos anímicos mais profundamente recalçados e os valores individuais inatos – cujo conteúdo pode ser empiricamente verificado como sendo uma oniperversidade das pulsões e dos sentimentos. Essa hediondez dos motes do inconsciente pareceu dar razão ao princípio de autoridade existente, à repressão do individual e às normas em vigor; e, com isso, a reivindicação psicoterapêutica da psicanálise clássica pôde restringir a divisar conscientemente a negatividade dos impulsos descobertos, a retificá-los ou suprimi-los de acordo com as normas dominantes do inconsciente... (GROSS, 2017, p.164).

O motivo da discordância está colocado sob a função social do tratamento psicanalítico, seria ela uma técnica de recuperação dos enfermos para colocá-los novamente em “funcionamento” na ordem social vigente ou, pelo contrário, seria ela uma técnica de libertação do homem das amarras incrustadas pela ordem social no seu subconsciente? É por esse motivo que Otto Gross fundamenta sob sua crítica social um novo modelo de etiologia das neuroses no qual a dividualidade típica da topografia da psique era encarada, em seus aspectos desarmônicos, como afligida pela injeção de valores estrangeiros.

A perversão seria, nas palavras de Gross, uma “transferência de energia pulsional sexual para algo que, em si, não tem nada de sexual” (GROSS, 2017, p.190) e essa transferência era fruto direto da influência adversa de princípios, normas e ideais sociais. Nesse novo modelo surgem como principais polos de aglutinação de tensão não o **inconsciente** (id) e o **consciente** (ego), mas sim, o **próprio** e o **estrangeiro**. Gross apresenta uma leitura etiológica das neuroses partindo do desenvolvimento da libido infantil, pois:

Na família existente, a criança vivência simultaneamente, no começo da experientiação, que o seu feitio inato, o seu inato querer a si mesmo, o seu querer assim, como lhe é inato amar, não serão compreendidos e



desejados por ninguém; que, para a sua exigência de redenção (conservar a própria personalidade e poder amar segundo as suas próprias leis inatas), não advém resposta alguma. Ninguém responde a essa exigência, exceto o próprio reconhecimento quanto a se encontrar desdenhado e desvalidamente reprimido; o próprio reconhecimento da vastíssima solidão ao seu redor. E, para a ilimitada angústia da criança na solidão, a família – tal como ela existe atualmente – tem uma só resposta: viva sozinho, ou seja, como nós (GROSS, 2017, p.121).

A origem das neuroses, para Gross, é o próprio processo de socialização da criança, a sublimação freudiana – o correto direcionamento das pulsões sexuais para metas socialmente benéficas – seria o pior castramento da subjetividade infantil. Gross apresenta, como resultado desta *confluência perversa*, a uniformidade na qual a maioria dos indivíduos se mantém, suas personalidades foram substituídas por uma vontade estrangeira assimilada. Mas nem todos conseguem neutralizar as potências inerentes a suas subjetividades, “a sina desses seres é o conflito interno entre o próprio e o estrangeiro, o dilaceramento interior, o sofrimento em si mesmo” (GROSS, 2017, p.122).

Partindo dessa premissa, Gross associa a sua teoria a teoria da **simbologia da destruição**, como proposta por Sabina Spielrein⁸, nesta dois princípios diferentes digladiam-se na subjetividade individual e, são eles, os principais responsáveis pela tensão na psique humana. O **princípio de auto-conservação da individualidade** e o **princípio de auto-destruição** proposto pela psique coletiva (hereditária). Deste modo haveriam vários complexos com características próprias e uma psique coletiva no inconsciente que reservaria as **pulsões da espécie** de destruição do eu e de reimersão da particularidade no todo indiferenciado. Na tese de Spielrein não haveria só um eu, mas também, um nós.

Mas Gross não compra o argumento de Spielrein por inteiro, para ele importa mais o princípio de **auto-conservação** em sua relação pervertida para com o exterior, isso porque em sua teoria não haveria contradição entre a individualidade do princípio

⁸ Sabina Spielrein foi completamente apagada pelo pensamento psicanalítico, suas contribuições foram assimiladas e paulatinamente “esquecidas” em edições posteriores dos livros de Freud e Jung. A **simbologia da destruição**, talvez seja o seu texto mais conhecido, nele a autora apresenta uma teoria da topografia da psique que antecipa a ideia de pulsão de morte em quase dez anos ao da “descoberta” freudiana. No texto, Sabina faz uma crítica a proposta teórica dos sentimentos negativos da sexualidade pela proximidade dos órgãos reprodutores das partes “sujas do corpo” (tese de Gross), me parece que o autor leu a obra e se apropriou – de forma muito particular – da teoria da autora; como também, mais a frente, se apropriou também da teoria de Alfred Adler. Para um trabalho verdadeiramente incrível de resgate da memória de Sabina, ver: CROMBERG, Renata U. **O amor que ousa dizer seu nome**: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise. 2008.f.549. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

autoconservação (psique individual) e o princípio de **auto-preservação da espécie** (psique coletiva), o segundo do qual o autor se quer fala. Gross retoma o princípio de **auto-conservação** sob a releitura da ideia de vontade de potência – nos termos de Alfred Adler⁹ –, é como que se o princípio de auto-conservação que é algo do **próprio** e, portanto, natural, tivesse um redirecionamento para a **vontade de potência**, que seria sua forma degenerada de expressão. Um resultado secundário seria produzido por esse conflito, a **auto-supressão**, que é uma forma de resolução oposta ao da vontade de potência, nela o indivíduo suprime os seus desejos em nome da conformidade necessária às normas **estrangeiras**.

É fácil perceber o que essa separação produzirá no nível da neurose: um **sadismo** que orienta a vontade de potência a fazer dobrar-se sob a sua vontade o objeto de desejo ou, um **masoquismo**, no qual permite-se um abuso por parte do objeto desejado, compreendido, inclusive, de maneira prazerosa por aquele que sofre a violação. Um ponto que diferencia a teoria pulsional de Gross da teoria constituída por Sabina Spielrein está dado na ideia de que a pulsão de **auto-conservação da individualidade** (pulsão do eu) não é contraditória a sexualidade primária ligada ao inconsciente – ou a psique coletiva –, para Gross é a injeção dos motes **estrangeiros** que produz a *inversão negativa* da relação de complementaridade entre **sexualidade**, como força unitária, e a **pulsão do eu**, como força individualizadora. O seguinte arranjo exemplifica a questão:

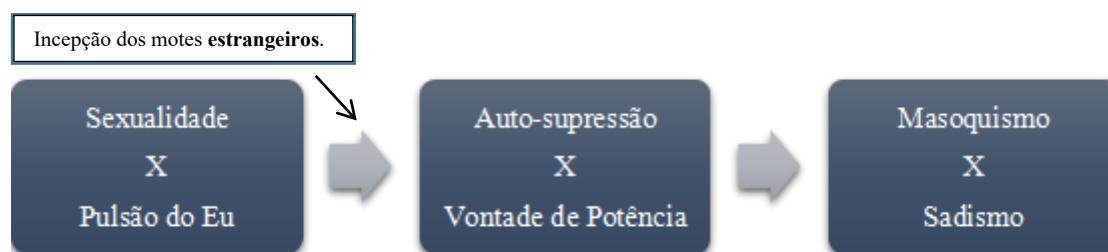


Figura 1:Esquema do conflito entre o próprio e o estrangeiro. Os desenvolvimentos negativos daquilo que seria uma relação harmoniosa entre a sexualidade e a pulsão do eu produziram as células seguintes.

Com isso, o modelo de Gross consegue explicar a “simbologia da destruição” em sua negatividade e no rechaço de qualquer atividade sexual através de uma leitura

⁹ Aqui, a ideia de protesto contra a repressão exterior é fundamental. Adler acredita que masoquismo e sadismo eram formas de protesto contra a repressão que fatores exteriores causavam no indivíduo, é daí que deriva a sua famosa ideia de **protesto masculino**: rejeição de mulheres ao feminino como resposta ao complexo de inferioridade social ao qual a mulher foi subjugada.

psicanalítica distinta da proposta por Sabina Spielrein, para ele: *a simbologia da destruição é resultado da perversão da sexualidade primária e não de uma pulsão de morte inata*. Otto Gross funda sua teoria sob dois princípios éticos – inatos e, portanto, verdadeiros – que fundamentam sua etiologia das neuroses: *o não se deixar violar e o não violar outrem* (GROSS, 2017, p.131).

A diferença para Sabina Spielrein é, aqui, melhor sentida, enquanto para a autora a contradição entre os dois princípios era fruto natural da constituição da psique como dividualidade; para Gross, a separação de um dividualidade harmoniosa era fruto da violação dos dois princípios éticos fundamentais, era a instituição artificial do conflito entre **vontade de potência** (vontade de violação) e **auto-supressão** (vontade auto-mutilação). Gross acredita que seria possível reconstituir a natureza humana em sua unidade (dual) se se retorna-se ao modelo de organização social mais adequado a experiência humana e a sua socialização: o do matriarcado¹⁰. Aqui a crítica metateórica se conecta a práxis política, não seria possível superar o conflito entre próprio e o estrangeiro sem o enfrentamento político do patriarcado reinante.

No domínio do matriarcado, toda entrega de si só pode vigorar na relação do indivíduo com a sociedade; e toda sensação de potência, de modo coletivo. Na mútua relação dos indivíduos entre si há espaço para o desenvolvimento de relações que podem permanecer um fim em si mesmo e livres de traços de autoridade e motes de potência. O matriarcado mantém a relação entre os gêneros isenta de dever, moral e responsabilidade; de vinculações econômicas, jurídicas e morais; de potência e submissão. Isenta de acordo e autoridade; isenta de matrimônio e prostituição. (GROSS, 2017, p.144).

É como que uma crença milenarista em uma idade de ouro passada, do matriarcado, no qual toda a dominação social estaria suspensa. Neste sentido, o inimigo a ser combatido não era o modo de produção capitalista, mas o princípio de autoridade e submissão que estava engendrado na subjetividade de cada homem e de cada mulher. Por fim, Otto Gross possuía uma proposta de transformação social prática, um programa revolucionário: *o da libertação da mulher* (abolição da família patriarcal) e *socialização da assistência à maternidade como fundamento da liberdade das relações verdadeiramente humanas*,

¹⁰ É preciso dizer que os estudos antropológicos da época apontavam para uma sociedade primitiva organizada a maneira matriarcal e foi dessa constatação que derivaram teorias como as de Gross. Para ele, do ponto de vista político, a entrada do estrangeiro na subjetividade coletiva humana se deu pela inserção do patriarcado como modelo de organização social, patriarcado que estava assentado na ideia do rapto de mulheres e, por isso, violação de outrem. Um livro citado por Gross e bastante influente entre os revolucionários foi o clássico marxista: ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução de Leandro Konder. Posfácio de Aparecida Maria Abranches. Pesquisa de Lewis Henry Morgan. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: BestBolso, 2016.

O trabalho preliminar para essa revolução precisa promover a libertação de cada indivíduo em relação ao princípio de autoridade que ele carrega em si; em relação a todas as adaptações – que nele se formaram no decorrer de uma infância no seio da família autoritária – ao espírito das instituições autoritárias; libertação em relação a todas as instituições que a criança recebeu do seu entorno, as quais têm estado em eterna luta, com ele e entre elas próprias, pelo poder; libertação, sobretudo, em relação a esse traço de caráter servil que, invariavelmente, é herdado por todos de uma infância como essa: em relação ao próprio pecado original, à vontade de potência (GROSS, 2019, p.149).

3 MAX WEBER E A AMBIGUIDADE CONSTITUTIVA DA SALVAÇÃO INTRAMUNDANA

Algumas considerações são necessárias de serem feitas antes de nos dedicarmos exclusivamente ao subcapítulo da *Consideração Intermediária* no qual consta a esfera erótica (OSTRONOFF, 2018). É preciso afirmar categoricamente que esse texto não foi produzido com a finalidade de debater com Gross ou de apresentar uma teoria da sexualidade própria, a *Consideração Intermediária* está inserida em um contexto preciso: o de suporte teórico dos textos referentes à “Ética Econômica das Religiões Mundiais”. Weber, nessa concepção, estaria apresentando uma formulação teórica da problemática com a qual iria lidar nos textos empírico-históricos (SCHLUCHTER, 2006), como os presentes nos ensaios *Confucionismo e Taoísmo, Hinduísmo e Budismo e o Judaísmo antigo*.

O que quero dizer com isso é que não podemos, ao tratar da *Consideração Intermediária*, – e, mais propriamente, da esfera erótica – esquecermo-nos de que esses textos foram confeccionados em um projeto específico e respondiam aos desafios epistemológicos e teóricos propostos para esse projeto. Isso não significa que Weber não levou em conta os problemas da modernidade ocidental ao tratar da esfera erótica, fica muito claro, no texto, que não se trata de um exercício de teorização de contextos históricos determinados, mas de uma apresentação teórica de um problema cujos resultados persistiam no ocidente europeu no qual vivia o autor (OSTRONOFF, 2018).

Também, aqui, gostaria de aproveitar o parêntese explicativo para salientar uma opção minha feita nesse trabalho: embora pudesse retratar a história dos encontros e dos choques entre Weber e Gross, contando sobre a carta resposta de Weber ao artigo de Gross ou sobre a história amorosa de ambos com Else Richtoffen ou, ainda, sobre a



experiência de Weber na comunidade de Monte Verità, preferi salientar a resposta que cada autor ofereceu nos seus escritos para a erótica. Acredito que as relações históricas foram bem retratadas por (SCHWENTKER, 1996) e mesmo pelo polêmico biógrafo (RADKAU, 2009), mas poucos se preocuparam em mostrar as teorias e posições que cada um dos autores tinha para além da polêmica¹¹.

Feita essa ressalva podemos nos dedicar, agora, ao texto propriamente dito, a esfera erótica é uma dentre outras sete esferas de valor autorreferentes, sendo as outras: estética, econômica, política, intelectual, doméstica e religiosa. As esferas de valor possuem três tipos básicos de autonomia (BRUBAKER, 1984): **causal**, pois possuem legalidades intrínsecas, formas de hierarquização de prioridades e determinação de finalidades inerentes ao seu próprio conteúdo; **axiológica**, pois seus princípios legitimam as ações regidas por seus valores, valoram a experiência erótica, estética, econômica segundo os seus próprios motes; **normativa**, porque esses princípios viram leis e determinam as prescrições morais e físicas que serão contrapostas as suas violações.

A *Consideração Intermediária* nos apresenta a “teoria das rejeições religiosas do mundo e suas direções”, uma teoria que narra o processo de intensificação do quadro de tensões entre as esferas e a religião como resultado da racionalização e da autonomização dos valores de cada esfera. O paradigma da secularização – como foi conhecido esse problema na sociologia da religião¹² – é fruto dessa separação progressiva entre aquilo que constitui as esferas do mundo profano e as do mundo religioso, o dossel sagrado¹³ se partíra e não haveria possibilidade de que a religião

¹¹ Gosto muito de uma leitura “heterodoxa” de Weber feita por Michael Pollack (1996), nela o francês sustenta que devemos encarar as polêmicas de Weber não como arroubos de um espírito pujante, mas antes como estratégias de posição frente aos problemas experimentados em sua vida. Contudo, penso que nos distanciando da polêmica, nesse caso, podemos perceber o que realmente importa e foi negligenciado até então por muitos autores, a posição de Weber em resposta às demandas do movimento erótico e as propostas de libertação sexual como pensadas por Otto Gross.

¹² Antônio Flávio Pierucci nos recorda muito bem de que o paradigma da secularização é atribuído a Weber de maneira errônea. O autor nunca chamou esse processo autonomização das esferas de valor de secularização, o seu uso dessa maneira é reinterpretação de comentadores que acabaram por assimilar o conceito à teoria. Secularização, para Weber, é o fenômeno de tomada dos bens eclesiásticos por parte das autoridades seculares, e só isso. Ver: PIERUCCI, Antônio. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, June 1998.

¹³ Uso aqui da metáfora de Peter Berger, que compreende a forma de organização e hierarquização dos subsistemas sociais no período do cristianismo medieval como sendo um **dossel sagrado**. A religião cobriria todas as outras esferas de valor, subsistemas sociais, conferindo-lhes legitimidade e garantindo uma integração entre os diferentes polos através da instituição eclesial. Com a modernidade, rompe-se o véu que recobria as esferas seculares, elas operam por si mesmas, são autônomas e autorreferentes, sendo a religião relegada ao papel de mais uma esfera de valor. Ver: BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Coautoria de Luiz Roberto Benedetti. São Paulo, SP: Edições Paulinas, c1985.

voltasse a exercer o papel de **integradora** dos subsistemas sociais ou, ainda, sua função de moralizadora e “explicadora” do cosmos .

Nesse contexto, a esfera erótica narra o processo de intelectualização do sexo, o desenvolvimento da sexualidade partindo de uma matriz de sentido camponesa e naturalista para uma experimentação **extracotidiana** do amor sexual. É impossível pensar a evolução da esfera sexual separada das outras esferas, pois o seu principal resultado só pode fazer “efeito” quando pensado sob um mundo racional e *cotidianizado*¹⁴, ou seja, só é possível pensar no sentimento de salvação proporcionado pelo sexo quando da emergência de um contexto necessário a experimentação deste tipo de fuga da existência cotidiana.

Neste sentido, a racionalização do sexo é consequência do processo de **racionalização do mundo**, este que paulatinamente vai suspendendo as outras formas de explicação e orientação do sentido do mundo – magia e, depois, religião – substituindo-as por uma ciência cuja principal característica é a da ausência de um princípio integrador. O mundo racional e desencantado¹⁵ não é, necessariamente, um mundo ausente de sentido, é, isso sim, um mundo no qual nenhum sentido final pode ser atribuído por qualquer instituição à realidade preexistente, um mundo no qual os indivíduos são “livres” para decidirem quais serão os demônios que guiarão os fios de suas existências. Deste modo, **secularização** é um resultado restrito ao fim do processo de **desencantamento do mundo**, quando a própria religião é defenestrada do seu altar e posta para competir junto as outras esferas de valor e, por sua vez, o **desencantamento** é resultado menor do processo de **racionalização** de cuja religião – e mesmo a magia – são partes indissolúveis.

¹⁴ O fenômeno de **cotidianização** ou **rotinização** – nas traduções mais antigas – pode ser melhor compreendido através da comparação com seu antônimo: **extracotidiano**. Extracotidiano é, na teoria de Weber, todo fenômeno que transcende a realidade aparente, que se aproxima do irracional e permite a reconexão do homem frente a fragmentação experimentada no mundo racionalizado. **Rotinização**, nesse sentido, faz parte do próprio processo de racionalização do mundo, rotiniza-se aquilo que se estereotipa tradicionalmente ou que ganha contornos legais e previsíveis, portanto, cotidianos.

¹⁵ Segundo Antônio Flávio Pierucci (2005), o desencantamento é um processo histórico iniciado com os profetas do antigo testamento e finalizado com a emergência do asceta vocacional puritano, esse seria o seu *lado a*). Por sua vez, o *lado b*) é o que chamamos aqui – com todo cuidado – de secularização, ou seja, é a retirada da religião do centro do espaço de determinação e delimitação das ordens da vida; retirada imposta pela ciência moderna, que deixa vago o lugar da religião, pois não consegue “dar sentido” de finalidade a existência do homem sem cair na irracionalidade.

Fase de Desenvolvimento ¹⁶	Período	Objeto	Atividade	Intensificação sexual
Grécia pré-clássica	Romantismo de Cavalaria	Mulher (como bem material)	Rapto de Mulheres	Heterossexual
Grécia clássica	Helenismo	Eromenos (Jovem ateniense)	Pederastia	Homossexual
Idade Média	Trovadorismo	A Dama (mulher do outro)	Julgamento pelo olhar	Heterossexual
Idade Moderna	Renascença	Camarada	Retorno a brutalidade masculina	Homossexual
Idade Contemporânea (Ancient Regime)	Cultura dos Salões	A Dama	Conversação intersexual	Heterossexual
Idade Contemporânea (período presente)	Embate intenso entre religião e erótica	Asceta Vocacional	Competição entre valores	Heterossexual ¹⁷

Weber concebe a genealogia acima exposta para apresentar-nos o desenvolvimento da racionalização da erótica. Cada uma das fases de desenvolvimento possui seus personagens principais – aqueles que impulsionam a erótica para determinada direção – e um tipo específico de atividade, próprio da intensificação erótica do período. Assim a figura da dama, por exemplo, possui um papel transformador no início da Idade Média e, também, no *Ancient Regime*, quando a **conversação intersexual**, o **juízo pelo olhar** e a **literatura trovadoresca** superavam a brutalidade masculina do **rapto de mulheres** e da **camaradagem** grega. A propósito, há uma intensificação erótica homossexual, o que aproxima Weber de uma visão menos condenatória da homossexualidade; mas a relação do camarada no esquema do autor acaba recaindo na brutalidade típica da masculinização e não no desenvolvimento racional da sexualidade, um claro limite.

A dama é, no esquema de Weber, uma espécie de **mediador evanescente**¹⁸, pois é ela que conecta os momentos de transformação da sexualidade, quando a erótica

¹⁶ Retirado e adaptado de: PEDRON, Caio César. **Salvação intramundana pela perversão?** Sobre a possibilidade emancipatória através da esfera erótica de Max Weber in: QUERIDO, F.M. (et al.). *Teorias Críticas entre passado e presente*, Coleção Ideias; IFCH, 2019.

¹⁷ Não é que a homossexualidade não ocorria no período do asceta vocacional (ou nos outros supracitados), é que ela não é tomada – por Weber – como direção determinante da experiência erótica no período.

¹⁸ Adoto aqui uma interpretação curiosa da ideia de Vanishing Mediator como pensada por Fredric Jameson, isso porque ela é uma reinterpretação da leitura do autor que chamava o asceta vocacional de mediador evanescente – na brilhante tradução de Gabriel Cohn – no que tangia ao papel de ligação que o asceta tinha entre a ética protestante e o “espírito do capitalismo”. Para Jameson a “narrativa” weberiana pressupunha essa personagem de ligação que, com o passar do tempo, era descartado pelas formas posteriores de organização que surgiram pelas suas próprias mãos. A dama exerce, na genealogia weberiana, esse mesmo papel, pois ela surge como figura através da qual *a racionalização da erótica pode conectar-se a experimentação de uma sensação extracotidiana, mas essas duas forças – razão e emoção – se distanciam de vez no período do asceta vocacional.*

assume formas sublimadas de gozo e caminha em direção a experimentação extracotidiana, entendendo como sexualidade cotidiana os relacionamentos matrimoniais heterossexuais. Evanescente, pois o dilema da fase “moderna” da erótica se dá entre a religião e a erótica, entre o **asceta vocacional** – em seu moralismo sexual empedernido – e o **sensualista sem coração**¹⁹, o indivíduo que abusa da experimentação extracotidiana; ficando de lado as possibilidades transformadoras das relações eróticas (em si mesmas) que poderiam conectar uma **conduta racional valorativa** (ética) e a **experiência extracotidiana**.

O dilema da erótica weberiana é se a fuga do mundo proporcionada pelo “misticismo” erótico é capaz de salvar o homem da **fragmentação da vida moderna**, na qual sua subjetividade fica refém da demanda das diferentes esferas de valor que são racionais e cotidianas, por isso, *prenhes de qualquer possibilidade de significação imanente da experiência no mundo*. Para Weber a **salvação intramudana** proporcionada pela erótica é *efêmera*, pois dura apenas os momentos de êxtase da relação amorosa; é *individualista*, porque experimentado apenas; e é *egoísta*, pois os indivíduos a experimentam sempre com o intuito de se deleitarem por si próprios. A propósito deste último vício, diz Weber sobre a visão religiosa da salvação erótica:

Aos olhos dessa ética, a relação erótica aparece, inevitavelmente, como uma relação de luta, não só nem principalmente por causa do ciúme, da vontade de possuir alguém com exclusão de terceiros, mas muito mais, e mais intimamente, porque jamais os próprios parceiros a percebem como tal, a saber: como uma violação da alma do parceiro menos brutal, como um refinado – pois aí se trata da mais humana das entregas de si –, um dissimulado gozo sofisticado de si no outro (WEBER, 2016, pp.392-393).

Para a religião de salvação o sexo estaria sempre ligado à brutalidade, e uma brutalidade refinada porque romantiza a dominação do outro e sua exploração, o tal do *gozo sofisticado de si no outro*. É daí que deriva a pergunta: como é que uma experiência erótica – nestes termos – poderia se tornar redentora? E mais! Como poderia ser coletivizada, se se tratava de uma experiência egoísta, individual e marcada por uma ambiguidade constitutiva?

¹⁹ “Roubei” essa metáfora da “ética protestante”, me parece que cabe como uma luva nesse tipo de sexualidade experimentada como o gozo sofisticado de si no outro. Para todos os efeitos, a adaptação é minha, uma tradução mais ortodoxa da tensão seria substituir a “nulidade sem espírito” por sexualidade livre.

Essas são as dúvidas de Weber, dúvidas que se sustentariam na resposta que ele poderia dar a Otto Gross. A **salvação intramundana** de Weber só pode ser alcançada – de maneira virtuosa – por uma experimentação **ortodoxa**²⁰ da sexualidade, somente o matrimônio eticamente regulamentado poderia garantir a experiência erótica aquele elemento de **responsabilidade mútua** sem o qual toda relação recairia na dominação e na exploração do parceiro. Aqui, sua visão do “puritanismo erótico” de William Penn (KENT, 1984) – em suas cartas à esposa²¹ – recobriria a **salvação intramundana** de um ar heroico muito típico da solução ética de Weber, dada inclusive em sua resposta ao texto de Otto Gross (WEBER apud AVIGDOR, 2005).

Quanto a resposta pela possibilidade de um experiência coletiva de redenção sexual, parece que está fechada a possibilidade de um **acosmismo do amor erótico** na modernidade, pois a **racionalização da violência** – típica do processo de racionalização da esfera política – produz como consequência uma fuga do mundo “rumo às irracionalidades do sentimento apolítico, seja para a mística e ética acósmica da “bondade absoluta” ou para as irracionalidades da esfera sentimental extra-religiosa, sobretudo erótica” (WEBER, 1994, p.399). Essa racionalização da violência que canaliza os seus instintos para a sexualidade pode, muito bem, ser interpretada de duas maneiras: a) o sexo é brutalidade porque foi uma espécie de sublimação da violência guerreira (um insight que lembraria muito a leitura de sofisticação dos costumes *à moda de Nobeit Elias*); b) a resposta acósmica do amor religioso pode ser projetada, também, em uma comunidade de amor livre.

A opinião de Weber (1999; 2015b) era, a esse respeito, inalterável, *a relação erótica era uma sofisticada intelectualização da brutal dominação entre os sexos* e, para viver o amor acósmico (apolítico e pacifista), seria preciso abrir mão da comunidade – experimentando a redenção intramundana individualmente – ou da sexualidade, como no

²⁰ Outra interpretação possível de se ser atribuída a erótica weberiana, nos termos da sociologia da religião como proposta na Einleitung, é que os relacionamentos eróticos não regulamentados eticamente seriam **heterodoxos** e, os regulamentados (matrimônios), **ortodoxos**. Essa divisão permite organizar de maneira melhor o pensamento do autor acerca da possibilidade de relacionamentos eróticos coletivos. Agradeço aqui a Paulo Rigolin de Moraes que me presenteou com essa possível analogia.

²¹ Em boa hora encontrei o interessante trabalho de Leonardo Ostronoff (2018) que retoma a discussão iniciada por Stephen Kent (1984) acerca das referências de William Penn e Goethe na obra de Max Weber. O seu trabalho permite ampliar o leque de influências que orientaram a leitura weberiana da possibilidade de um amor mundano e, ao mesmo tempo, responsável eticamente. Foi a única saída que Max Weber encontrou para ressignificar o matrimônio na modernidade, conjugando valores e emoções “até o pianíssimo da velhice”.

caminho ascético e celibatário de Liev Tolstói²². A esse respeito, vale a pena ler um fragmento que condensa a opinião do autor sobre o caminho de Tolstói e, também, sua crítica a todos os movimentos burgueses que se isentavam da “culpa da guerra”, mesmo recebendo proventos oriundos da luta social projetada para a arena de combate:

Quem recebe apenas um centavo em rendas, que outros, direta ou indiretamente, têm de pagar; quem possui algum bem de consumo ou consome um bem produzido pelo suor do trabalho alheio, e não do próprio, alimenta sua existência com o mecanismo daquela luta econômica, sem amor nem misericórdia, pela sobrevivência que a fraseologia burguesa chama de “trabalho cultural pacífico”. É outra forma da luta do homem com o homem, na qual não milhões, mas centenas de milhões, ano após ano, definham de corpo e alma, afundando ou levando uma existência muito mais desprovida de algum “sentido” (*Sinn*) reconhecível do que o compromisso de todos (incluindo mulheres, pois elas também “conduzem” a guerra ao cumprirem seus deveres) com a honra, e isso *significa* simplesmente: o compromisso com os deveres históricos do próprio povo, impostos pelo destino. [...] Quem não chegar a essas conclusões – o próprio Tolstói só o fez quando prestes a morrer – deve saber que está comprometido com as leis deste mundo, que por tempo indeterminado incluem a possibilidade e a inevitabilidade de guerras pelo poder (WEBER, 2015, p.105-106).

4 CONCLUSÕES

O trabalho acima desenvolvido não tem a pretensão de ser um resgate exaustivo do pensamento de Otto Gross ou uma comparação completa entre a erótica weberiana e a sexualidade livre, tão somente quis constituir um inventário da disputa que nunca foi concluída, porque se quer foi começada em profundidade. Pode-se pensar, como e com Marcelo Checchia (2017, p.27), que a tensão entre Gross e Weber é fruto direto de uma leitura enviesada, marcada pelo ciúme e por notas marcantes de uma visão estereotipada de Gross²³, essa tese possui alguma verdade, mas me parece que falha em não reconhecer o ponto de vista weberiano por de trás da polêmica.

Os problemas que movem os dois autores são diferentes, enquanto para Gross o conflito entre o **estrangeiro** e o **próprio** é fruto de uma tensão na psique dos indivíduos,

²² Essa passagem que usamos da racionalização da violência é oriunda do esboço de 1913 da “Consideração Intermediária”, publicado como subcapítulo de Economia e Sociedade com o nome de: *Ética religiosa e “mundo”*.

²³ Quero aqui matizar a crítica feita ao excelente trabalho biográfico (resumido) de Marcelo Checchia. O autor inclusive ressalta a interpretação de Green sobre a influência exercida de Otto Gross em Weber, o que é verdadeiro tanto na vida amorosa particular, quanto na possibilidade de se pensar o amor sexual e o interpreta-lo de maneira menos moralista. Contudo acaba reduzindo o conflito de Weber e Gross a paixão que o primeiro sentia por Else.

para Weber é o próprio desenvolvimento racional da sexualidade que cria a possibilidade de uma experimentação extracotidiana do sexo e que, por sua vez, afasta-se da possibilidade de uma orientação valorativo/racional para essa experiência. Os dois resultados do processo de racionalização da erótica: **intelectualização do sexo** e **potência extracotidiana da experiência sexual** são resultados do desenvolvimento da sexualidade, a impossibilidade de uma ação racional ética (valorativa) e erótica – em Weber²⁴ – está intimamente vinculada ao tipo humano e a **conduta de vida** que são produzidos pelo contexto histórico no qual houve o desenvolvimento.

Não podemos esquecer que a esfera erótica é pensada em Weber sempre em analogia com a religião, portanto há uma relação de proximidade entre o **misticismo** das religiões orientais⁷ e a experiência **extraordinária de salvação erótica**. A concorrência entre a erótica e a religião é mais intensa exatamente nesse ponto, no campo da experimentação do irracional e da reconecção do homem com um poder carismático perdido. Otto Gross também percebe essa relação de afinidade, chega até a chamar a relação erótica de nova religião, para ele a união dos corpos produziria um terceiro – um nós – que poderia substituir a experiência religiosa do uno.

A emergência do **asceta vocacional** faz com que percamos algum tempo pensando no esquema de Weber, pois a racionalização da sexualidade que o puritanismo ascético produz é um retorno ao naturalismo (sexo somente para procriação) e, ao mesmo tempo, uma racionalização meio-fins da prática sexual amparada numa padronização ético-religiosa do comportamento condicionado. Esse tipo de comportamento concorre com aquele propalado por Otto Gross, para o autor o sexo deveria retornar a sua experimentação natural, mas a sua finalidade era exatamente oposta à do puritano, um sexo mais natural e menos eivado de motes estrangeiros propiciaria o gozo supremo dos sentidos, catarse livre de qualquer tipo de determinação exógena. Na interpretação de Weber o **ascetismo** puritano se digladiava com o “**misticismo**” das doutrinas eróticas, ambos eram resultados possíveis do desenvolvimento da esfera erótica.

Há uma proximidade que podemos estabelecer entre a *vontade de potência* e o *gozo sofisticado de si mesmo no outro*, ambos os autores identificam esse componente

²⁴ Os relacionamentos eróticos são pensados no texto como casos extra-conjugais, a polaridade entre matrimônio e os relacionamentos extra-conjugais acaba determinado os limites do que se é dito como erótica. Em outros modelos de relação amorosa a conexão entre uma racionalidade valorativa e as ações eróticas podem ser reconectadas, como no caso dos relacionamentos abertos ou em outras formas de vivência da sexualidade que não precisam ser antiéticas e que podem, na sua heterodoxia, produzir uma responsabilidade mútua.

sádico da experiência erótica, mas lhe dão respostas diferentes. A erótica precisa ser recolonizada por valores estrangeiros ao puro gozo dos sentidos, só assim, para Weber, seria possível que a **salvação intramundana** carregasse algo de superior; pois é exatamente isso que o Otto Gross não quer, que motes estrangeiros ao próprio desejo determinem aquilo que é ou deveria ser ético em referência a sexualidade. Seguir os próprios valores sexuais – expostos nos princípios de não se deixar violar e de não violar outrem – seria a única forma natural de alcançar um resultado satisfatório para esse conflito; Otto Gross é, nesse sentido, *um autêntico representante da esfera erótica*.

O **acosmismo do amor “erótico”** concorria inevitavelmente com o amor a Deus, típico da **ética da fraternidade** religiosa, e fazia com que a luta entre a religião e a erótica determinasse orientações políticas distintas. Na visão de Weber o acosmismo só seria possível pelo caminho de Tolstói – renuncia a todas as ordens da vida, inclusive a econômica – cabendo ao movimento erótico abrir mão da sexualidade para permanecer movimento acósmico de amor isolado das ordens do mundo e da luta como critério de definição da vida humana. Essa seria sua resposta final ao movimento erótico em Monte Verità²⁵.

Por fim, é preciso dizer que a própria ideia de **salvação intramundana** é uma solução tampão, ela não resolve o problema da fragmentação da vida ou da racionalização completa da experiência humana, já a **revolução sexual** de Gross pretende derrubar o sistema que perpetua a opressão sexual – a mãe de todas as opressões – e, por isso, pretende-se mais radical (e inocente) do que a conciliação weberiana do matrimônio eticamente regulamento e da erótica livre.

Diferente do que pensa Albrecht Götz von Olenhusen²⁶, quero constatar aqui que ambas as repostas procuram resolver ou, pelo menos, reformar o problema da

²⁵ Para uma visão mais completa da discussão de Weber com Ernest Frick e Frida Gross, no período em que Weber esteve em Monte Verità assessorando juridicamente a Sra. Gross, ver: WEBER, Max. *Letters from Ascona*. In: WHIMSTER, Sam (org.). **Max Weber and the culture of anarchy**. Coautoria de Sam Whimster. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 1999. xii, 235.b.

²⁶ É uma verdadeira lástima que um artigo interessante como o de von Olenhusen sustente uma tese tão mesquinha e frágil. Weber poderia ser ambíguo, contraditório e até irracional em alguns pontos, mas chama-lo de representante do conservadorismo é abrir mão de qualquer leitura de sua vida e obra. A liberdade com que Marianne transitava no mundo político pelo feminismo liberal e burguês; a abertura de Weber aos estudantes russos, poloneses e judeus; a sua incursão em Monte Verità para assessorar Frida Gross no processo movido pelo – esse sim – patriarca Hans Gross, tudo isso desabona a visão do comentador. Ele poderia afirmar, “estou falando do seu ponto de vista teórico ou político”, estaria errado mesmo assim! O imperialismo liberal de Weber ou sua crença na potência do líder carismático como única saída a burocratização da vida política o coloca muito mais na “cepa” das ambiguidades da geração burguesa pré-revolução de 1918 do que no grupo dos conservadores empedernidos. Ver: OLENHUSEN, Albrecht Götz von. **Sigmund Freud, Max Weber and the sexual revolution**. In: HEUER, Gottfried. *Sexual Revolutions: Psychoanalysis, History and Father*. Routledge: England (USA), 2011.p.90.

sexualidade burguesa na Alemanha *guilhermina*. Weber quer a possibilidade de uma experimentação erótica distinta daquela que viviam os casais puritanos, mas sem perder de vista a **dignidade** dos valores burgueses mais altos; Gross preferia derrubar de uma só vez a moralidade burguesa e, com isso, transformar de uma vez por todas a sexualidade moderna. São duas repostas possíveis e adequadas ao dilema, embora ambas pareçam insuficientes diante das demandas reais dos movimentos eróticos, a geração de Gross e Weber estava presa ao seu próprio modo de ver o dilema e seria necessário que os jovens da próxima geração viessem terminar aquilo que os autores só haviam começado.

REFERÊNCIAS

AVIGDOR, Renée; SANTOS, Yumi Garcia dos. Carta a Else Jaffé de 13 de setembro de 1907, de Max Weber. **Plural (São Paulo. Online)**, São Paulo, v. 12, p. 123-132, dec. 2005. ISSN 2176-8099.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Coautoria de Luiz Roberto Benedetti. São Paulo, SP: Edições Paulinas, c1985.

BRUBAKER, Rogers. **The Limits of Rationality**: An Essay on the Social and Moral Thought of Max Weber. London: Allen & Unwin, 1984.

CHECCHIA, Marcelo. Otto Gross, um psicanalista anarquista (biografia resumida). In: GROSS, Otto. **Por uma psicanálise revolucionária**. [Organização Marcelo Checchia, Paulo Sérgio de Souza Jr., Rafael Alves Lima]. São Paulo: Annablume, 2017.

CROMBERG, Renata U. **O amor que ousa dizer seu nome**: Sabina Spielrein - pioneira da psicanálise. 2008.f.549. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1997.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução de Leandro Konder. Posfácio de Aparecida Maria Abranches. Pesquisa de Lewis Henry Morgan. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: BestBolso, 2016.

GROSS, Otto. **Por uma psicanálise revolucionária**. [Organização Marcelo Checchia, Paulo Sérgio de Souza Jr., Rafael Alves Lima]. São Paulo: Annablume, 2017.

GREEN, Martin Burgess. **Mountain of truth**: the counterculture begins, Ascona, 1900-1920. Hanover, N.H.: Tufts University: University Press of New England, 1986.



- HEUER, Gottfried. **Sexual Revolutions: Psychoanalysis, History and Father**. Routledge: England (USA), 2011.
- HUGHES, H. Stuart. **Consciousness and society: the reorientation of European social thought 1890-1930**. Brighton: Harvester Sussex, c1979.
- JAMESON, F. The Vanishing Mediator: Narrative Structure in Max Weber. **New German Critique**, (1), 52-89. doi:10.2307/487630.1973.
- KENT, Stephen. Weber, Goethe, and William Penn: Themes of Marital Love. **Sociological Analysis**, 46(3), 315-320. 1985.
- KRAUS, Karl. **Aforismos**. [tradução e org. Renato Zwick] - Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.
- MANNHEIM, Karl. "O problema sociológico das gerações" [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), **Karl Mannheim: Sociologia**, São Paulo, Ática, 1982, pp. 67-95.
- OLENHUSEN, Albrecht Götz von. **Sigmund Freud, Max Weber and the sexual revolution**. In: HEUER, Gottfried. *Sexual Revolutions: Psychoanalysis, History and Father*. Routledge: England (USA), 2011.
- OSTRONOFF, Leonardo. Vida e Obra do Amor em Max Weber. In: TONKONOFF, Sergio. (Ed.), **Pensar lo social: Pluralismo teórico en América Latina**. CLACSO, 2018, pp.77-92. Disponível em: <www.jstor.org/stable/j.ctvn96fvk.8> Acesso em 17/08/2020.
- PIERUCCI, Antônio. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, June 1998.
- POLLACK, Michael. Max Weber: Elementos para uma biografia sócio-intelectual. *Estudos de Antropologia Social – MANA*, n.1, v.1, 1996.a.
- RADKAU, Joachim. **Max Weber: a biography**. Tradução de Patrick Camiller. Cambridge U.K.: Polity, c2009.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Weber's Sociology of Rationalism and Typology of Religious Rejections of the World. In: **MAX Weber, rationality and modernity**. Edição de Scott Lash, Sam Whimster. London: Routledge, 2006.
- SCHWENTKER, Wolfgang. A Paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n.32, ano 11, outubro, 1996.
- WEBER, Marianne. Excerpt from "Authority and Autonomy in Marriage. In: Lengermann, Patricia Madoo; Niebrugge, Gillian. **The Women Founders: Sociology and Social Theory 1830–1930**. New York: Waveland Press.1998. Edição do Kindle.
- WEBER, Max. Ética religiosa e "mundo" in: WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3.ed. Brasília, DF: Editora da UnB, 1994. 1v.



WEBER, Max. **Ética Econômica das Religiões Mundiais**: Ensaio comparado de sociologia da religião. Vozes, 2016.

WEBER, Max. Entre duas leis. In: WEBER, Max. **Escritos Políticos**. [Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento v.19], São Paulo: Folha de S.Paulo. 2015.b.

WEBER, Max. Letters from Ascona. In: WHIMSTER, Sam (org.). **Max Weber and the culture of anarchy**. Coautoria de Sam Whimster. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 1999.

WEBER, Max. O Caráter Nacional e os “Junkers” in: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: LTC, 1982.

WEBER, Max. O Estado-nação e a política econômica. WEBER, Max. **Escritos Políticos**. [Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento v.19], São Paulo: Folha de S.Paulo. 2015.a.

Notas


TÍTULO DA OBRA

Otto Gross, Max Weber e a Erótica Livre: Salvação intramundana ou revolução sexual?

Caio César **PEDRON**

Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia, Campinas, São Paulo, Brasil.

caiopedron99@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0774-0138>

FINANCIAMENTO

O presente trabalho é fruto de desenvolvimentos obtidos a partir da pesquisa referente a dissertação de mestrado, nela recebi bolsa de mestrado CAPES e, por um mês, da CNPq cujo número de processo é nº134263/2019-7.

LICENÇA DE USO

O autor cede à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade

HISTÓRICO

Recebido em: 10 de maio de 2020.

Aprovado em: 17 de agosto de 2020.

